

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPEIORES DE TEFÉ-CEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JUCIANE MENDONÇA DA SILVA

**A VILA DE EGA (TEFÉ) DO SÉCULO XIX NA VISÃO DO NATURALISTA HENRY
BATES (1848-1859)**

TEFÉ/ AM

2022

JUCIANE MENDONÇA DA SILVA

**A VILA DE EGA (TEFÉ) DO SÉCULO XIX NA VISÃO DO NATURALISTA HENRY
BATES (1858-1859)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em História pela Universidade do
Estado do Amazonas- UEA/CEST

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles

TEFÉ/AM

2022

Silva, Juciane Mendonça da.

A Vila de Ega (Tefé) do Século XIX na visão do Naturalista Henry Bates (1858-1859)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles

1 Amazônia. 2 Henry Bates. 3 Vila de Ega (Tefé). 4 Século XIX. 5 Naturalista

JUCIANE MENDONÇA DA SILVA

**A VILA DE EGA (TEFÉ) DO SÉCULO XIX NA VISÃO DO NATURALISTA HENRY
BATES (1858-1859)**

Monografia apresentada como requisito final para
obtenção do grau de Licenciada em História pela
Universidade do Estado do Amazonas -
UEA/CEST. Sob orientação do Prof. Dr. Luciano
Everton Costa Teles.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles

Prof.^a. Francisca Cardoso da Silva

Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda

TEFÉ/AM

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, autor de todas as coisas, por sempre está comigo em todos os momentos de minha vida.

*Aos meus familiares, pai, mãe irmãos, a base de tudo na vida e na sociedade
À Prelazia de Tefé, aos padres, meus diretores espirituais Pe. Pedro e Pe. Hélio por estarem sempre presentes na minha vida.*

À minha turma querida da graduação, meus colegas, companheiros de jornadas que sempre lembrarei por toda a minha vida.

A todos os meus professores da graduação que foram fundamentais nesse processo de conhecimento e aprendizagem, a vocês toda e minha eterna admiração, gratidão, carinho e respeito. De modo especial ao meu orientador Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles, a paciência em pessoa.

Aos meus amigos que são poucos mais juntos nos tornamos muito, em especial a Nady Santos uma amizade que ultrapassa os limites da razão.

À Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST, que no decorrer desses quatro anos foi minha segunda casa me proporcionando momentos maravilhosos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por tudo que tem me proporcionado até o presente momento. À minha família e amigos pela compreensão e pelas boas energias que mesmo em momentos de dificuldades sempre torceram pelo meu sucesso. Agradeço também aqueles que de certa forma me desmotivaram ao longo da caminhada, pois graças a eles me senti mais motivada a continuar nadando.

A minha turma querida, aos meus caros companheiros de sala de aula, agradeço pelos tempos de convivência e aprendizado que tivemos juntos, os guardarei sempre no meu coração desejo sucesso e saúde em suas jornadas.

Meus eternos agradecimentos aos queridos professores da graduação pelos incentivos por compartilhar conhecimentos incríveis que levarei para a vida pessoal e profissional e por inspirar a mim e aos demais colegas a olhar para além de nós mesmos, parafraseando Isaac Newton quero dizer a todos que se vimos mais longes foi porque nos colocamos sobre ombros de gigantes e vocês foram fundamentais para que isso acontecesse.

Agradeço ao meu professor orientador Prof. Dr. Luciano Everton C. Teles pela paciência e por estar sempre próximo quando precisei de suas orientações, ele é um exemplo do que Santa Teresa Dávila afirma: *“A paciência tudo alcança”*. Quero aqui expressar minha cordial gratidão por meio do trecho do Hino da Campanha da Fraternidade 2022 que abordou a temática da educação: *“e quem fala com sabedoria/ é aquele que ensina com amor/ sua vida em total maestria/ é pra nós luz, caminho, vigor.”*

Enfim, gratidão a tudo e a todos!

RESUMO

A Amazônia sempre foi alvo de interesses em especial por conta da sua vasta biodiversidade. Este interesse se intensificou mais a partir do século intensificando cada vez mais a partir do século XIX, quando as expedições científicas começaram a singrar pelos rios da nossa região com os grandes homens da ciência, os Naturalistas. É inegável o papel dos viajantes para a salvaguarda de registros que servem de base para pesquisas das mais diversas naturezas. Durante muitos anos esses apontamentos fossem eles textuais e ou visuais, eram as únicas fontes para que pudéssemos compreender nossa história enquanto povo, mesmo que em sua maioria estes escritos e ou imagens representassem apenas o olhar do colonizador e sua visão idealizada sobre o continente recém-descoberto. Diante deste contexto, esta investigação objetivou apresentar através dos escritos do naturalista Henry Bates a sua visão sobre a cidade de Tefé século XIX a então Vila de Ega. Trata-se de um estudo bibliográfico com abordagem qualitativa. Quanto aos resultados afirma-se que esta pesquisa ressalta a importância dos escritos de Bates, contribuindo com a construção do processo histórico do município o que permitirá a comunidade tefeense tomar conhecimento de sua história.

Palavras-chaves: Amazônia. Henry Bates. Vila de Ega (Tefé). Século XIX. Naturalista.

ABSTRACT

The Amazon has always been the target of interests because of its vast biodiversity. This interest intensified more from the century intensifying more and more from the nineteenth century, when scientific expeditions began to singrar by the rivers of our region with the great men of science, the Naturalists. It is undeniable the role of travelers in safeguarding records that serve as the basis for research of various natures. For many years these notes were textual and or visual, were the only sources for us to understand our history as a people, even if mostly these writings and or images represented only the gaze of the colonizer and his idealized view of the newly discovered continent. In this context, this research aimed to present through the writings of the naturalist Henry Bates his vision of the city of Tefé nineteenth century the then Village of Ega. This is a bibliographic study with a qualitative approach. As for the results, it is stated that this research emphasizes the importance of Bates' writings, contributing to the construction of the historical process of the municipality, which will allow the Tephean community to become aware of its history.

Keywords: Amazon. Henry Bates. Vila de Ega. 19th century. Naturalist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Henry Bates	18
Figura 2- A seleção natural das asas das borboletas por Henry Bates	19
Figura 3- Festival indígena participado por Bates.....	21
Figura 4- Catedral de Santa Teresa atualmente (2022)	31
Figura 5- Hight Cross Street, Leicester, 1825	35
Figura 6- Esposa de Henry Bates, Sarah Bates	36
Figura 7- Túmulo de Bates no East Finchley Cemetery, em Londres.	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO I TEMPOS MODERNOS: A CIÊNCIA NO SÉCULO XIX.....	13
1.1 O despertar de um novo tempo: o cenário científico do século XIX.....	13
1.2 As expedições e a descoberta do “novo mundo”: breve contextualização	14
1.3 Entre o real e o imaginário: a Amazônia sob os olhares dos viajantes naturalistas do século XIX	15
2. CAPÍTULO II NAVEGAR É PRECISO: HENRY BATES E SUA VIAGEM AO BRASIL (1848-1859)	18
2.1 Um naturalista no Rio Solimões: Henry Bates chega à Vila de Ega (Tefé)	20
2.2 A vida diurna de um habitante naturalista: os habitantes e os costumes na vila de Ega (Tefé)	24
2.3 Os índios e as festas da antiga Ega	27
2.4 Excursões nos arredores de Ega.....	32
2.5 Doença e a volta para a Inglaterra.....	34
2.6 De Ega à Tefé: um pouco de história.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O deslocar-se faz parte e acompanha o ser humano ao longo dos séculos, seja para a sobrevivência (alimentação, abrigo), seja a busca por novas culturas ou ainda por uma melhor qualidade de vida. Dos povos nômades às grandes viagens, a curiosidade pelo desconhecido sempre foi o grande fascínio da humanidade.

Nesse sentido, a História é imprescindível para que possamos compreender os processos históricos de determinadas épocas. Segundo Lickorish e Lenkis (2000, p. 20): “a história é instrutiva [...] não apenas porque talvez haja lições para aprender, mas também porque as sementes do crescimento do presente são encontradas no passado”. Por isso os vestígios materiais e imateriais são considerados fontes, são formas de registro que o homem deixou como prova de sua existência em um determinado período histórico.

Ao voltarmos nosso olhar para a descoberta do “novo mundo”, é interessante observar que os primeiros registros sobre o continente americano feitos por viajantes europeus retratam a visão de mundo da época medieval, são impressões descritas do século XVI que permeiam ainda hoje o imaginário das pessoas. Conforme Belluzzo (1996, p. 15) “na sua origem, as imagens elaboradas pelos viajantes participam da construção da identidade europeia {...} na iconografia e na crônica dos autores viajantes nem sempre chegamos a protagonistas”. Desse modo, não se tratava de enaltecer o encontrado e sim deixar claro o espanto com o que sempre foi descrito como “não civilizado”.

A missiva de Pero Vaz de Caminha é tida como o marco inicial dos registros escritos acerca da nova terra, ele endereçou a carta à Dom. Manoel I (1469-1521), o então Rei de Portugal, descrevendo sobre o que havia encontrado. Desde a sua descoberta, o novo continente atraiu diversos olhares aventureiros, principalmente a partir dos séculos XVIII e XIX, os chamados Naturalistas. Estes eram estudiosos de múltiplas nacionalidades e formações que se lançavam em busca de novas informações e de catalogar as riquezas naturais aqui existentes.

Esses cientistas não foram atraídos apenas pela biodiversidade, mas também buscavam consolidar suas carreiras acadêmicas, tinham ligações com interesses econômicos e políticos de seus países e procuravam ampliar seus conhecimentos sobre a História Natural. A partir da metade do século XVIII as expedições científicas se intensificaram e isso foi de suma importância para o boom da ciência no século XIX, principalmente na Amazônia.

Muitos foram os naturalistas que passaram pelo Brasil, dentre eles se destacam: Johann Baptist Von Spix, Karl Friedrich Philippe Von Martius, Georg Henrik Von Langsdorff, Johann Natterer, Alfred Wallace, Jean Louis Rodolfo Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz chamado de casal Agassiz. Henry Bates o qual é objeto do presente estudo.

Assim, o interesse pela temática surgiu de uma inquietação particular no decorrer das aulas da disciplina de História da Amazônia, do curso de graduação de Licenciatura em História. A partir de então as leituras sobre o tema foram fundamentais para entender o olhar com que Henry Bates retratou a Amazônia, mais precisamente a Vila de Ega (Tefé) do século XIX, sua população, a fauna, flora e os costumes do povo.

Compreender esses apontamentos é imprescindível para que sejamos conhecedores da nossa história do passado e do presente. Desse modo, a pesquisa torna-se relevante, pois fornece aportes à academia por meio do aprofundamento da pesquisa acerca dos escritos desse cientista, tornando-se fonte fidedigna para a produção de futuros trabalhos acadêmicos, contribuindo com a construção do processo histórico do município de Tefé, o que permitirá a comunidade tefeense tomar conhecimento de sua história.

Dessa maneira, este trabalho é composto de dois capítulos, o primeiro faz um panorama geral do cenário e da consolidação da ciência no século XIX, aborda de forma breve as expedições e a descoberta do “novo mundo” e, por fim, os viajantes naturalistas no Brasil e na Amazônia no século XIX.

O segundo capítulo aborda sobre a presença do naturalista inglês Henry Bates na Amazônia e sua aventura pelo Rio Solimões, sobretudo no povoado de Ega do século XIX, onde atualmente está localizada a cidade de Tefé, ele descreve sua visão sobre os habitantes, a flora, a fauna e a cultura do povo dessa região.

Quanto a metodologia, esta é de cunho bibliográfico e de caráter teórico descritivo, com abordagem qualitativa baseada nas fontes textuais disponíveis como: diários, artigos, imagens e relatórios sobre a temática.

1. CAPÍTULO I TEMPOS MODERNOS: A CIÊNCIA NO SÉCULO XIX

O objetivo deste capítulo é apresentar um breve histórico do cenário científico do século XIX, para então compreender o que foram as viagens científicas e sua importância para a ciência, sobretudo o papel dos viajantes Naturalistas no Brasil e, conseqüentemente, na Amazônia, nesse processo que alavancou de forma prodigiosa os conhecimentos e a solidificação da História Natural.

1.1 O despertar de um novo tempo: o cenário científico do século XIX

O século XIX foi um período marcado por grandes transformações científicas e tecnológicas não apenas na Europa, mas em outras partes do mundo. Nesse contexto, muitas ciências se sistematizaram, entre elas podemos citar a física, a biologia, a história, a química, a psicologia etc.

Nessa época, as ciências naturais ganhavam grande destaque, pois os cientistas saíram dos gabinetes, dos museus e das bibliotecas para explorar as fronteiras do conhecimento por meio das expedições científicas alavancando as pesquisas no campo da História Natural.

Sendo assim, a crença na ciência e a ideia de progresso eram predominantes. Os homens da ciência estavam fundamentados nas ideias do filósofo francês Auguste Comte que analisava a evolução da humanidade a partir de três estágios¹, onde o conhecimento verdadeiro só poderia ser obtido por meio da experimentação científica (ANTUNES, 2013, p. 21).

Outro fator importante foi a Revolução Industrial que iniciou no século XVIII, trazendo grandes mudanças na vida das pessoas, a expansão dos novos recursos tecnológicos e industriais, as transformações socioeconômicas e culturais fizeram do século XIX um mundo de novidades, um anúncio de novos tempos e a ciência se tornava cada vez mais firme.

Nesse novo tempo, a ciência aperfeiçoou o domínio da técnica com o objetivo de compreender e dominar a natureza, para os cientistas do século XIX a ciência era tudo, pois eles acreditavam que ela levaria o mundo em direção ao progresso.

¹ Comte definiu três estados ou estágios de desenvolvimento das sociedades o primeiro seria o estado teológico, nele as sociedades ainda se encontrariam influenciadas pelos valores espirituais e dominadas pelos dogmas que mascararam a realidade social em nome do divino. O segundo estado é o metafísico, trata-se de um momento de transição no qual abandonam-se os valores espirituais não completamente, mas de modo que questionamentos sobre a natureza passam a ser feitas, limitando-se exclusivamente a questionamentos intelectuais e abstratos, desprovidos de qualquer comprovação prática. O terceiro estado seria o último estágio civilizacional e corresponderia, de forma geral, à situação dos países europeus que viviam a modernização urbano industrial do século XIX. O estado positivo caracteriza-se pela existência de uma ciência que investiga a natureza e comprova as descobertas realizadas de modo a garantir a aplicação prática destas, levando ao desenvolvimento tecnológico e a mais conforto material. Fonte: <https://www.filosofia.com.br>

De cunho observadora, descritiva e viajante a ciência do século XIX era feita por pesquisadores que com poucos recursos financeiros formavam expedições e se lançavam em busca de informações sobre o desconhecido. Enfim, a ciência do século XIX estava em constante debate no que se refere a forma de enxergar e compreender o mundo e isso refletiu bastante na visão dos viajantes naturalistas quando eles vieram ao Brasil, principalmente para a região amazônica.

De acordo com o naturalista Alexandre Von Humboldt (1799-1804), as viagens eram fundamentais para o aprofundamento no estudo da natureza, pois era a partir das expedições e dos dados coletados que os naturalistas adquiriam respostas importantes para a ciência.

1.2 As expedições e a descoberta do “novo mundo”: breve contextualização

Faz parte da nossa condição humana a busca pela informação, é por meio dela que tomamos conhecimento do que ocorre a nossa volta e até mesmo longe de nós. O fato é que precisamos de tal ferramenta para que possamos desenvolver o diálogo necessário nas mais diversas atividades que realizamos no decorrer da nossa existência. Exemplo disso é o avanço dos estudos científicos e das tecnologias que permitiu ao homem realizar as grandes conquistas da humanidade como cruzar os mares, a ida ao espaço e conseqüentemente à lua.

Ainda no século XVII, muitos europeus chegaram ao “Novo Mundo” em seus navios com o intuito de explorar e estudar tudo o que fora encontrado, como “novos” territórios, a fauna, a flora e os costumes dos povos que neles habitavam. Essas viagens ficaram conhecidas como expedições, pois traziam estudiosos das mais diversas nacionalidades e formações.

Tais expedições tornaram-se ritos de passagem para aqueles que almejavam a consolidação de suas carreiras acadêmicas. Muitos desses pesquisadores traçaram rotas de viagem à Amazônia, entre eles está o naturalista inglês Henry Bates que relatou sua viagem à Amazônia e suas descobertas em relatórios, cartas, revistas científicas etc. É importante ressaltar que:

Para grande parte dos naturalistas do século XIX, a multiplicidade de sensações que envolvem o naturalista em sua viagem poderia e deveria ser descrita pela ciência. Daí o uso de representações pictóricas a preocupação com os recursos literários das narrativas de viagem. Assim o cientista que se fez viajante escolheu não apenas ver com os próprios olhos, mas ouvir e sentir com o próprio corpo os fenômenos lá onde acontecem (KURY, 2001, p. 870).

Muitos desses cientistas traziam consigo cronistas, desenhistas, cartógrafos para ilustrar o que encontravam, por isso é comum encontrarmos na maioria dos relatos de viagens, mapas e desenhos que representavam a realidade observada a partir do olhar desses viajantes (KURY, 2001),

A transferência da corte portuguesa para a colônia em 1808 também contribuiu para o aumento do número de viajantes e expedições que vieram para o Brasil. Com a abertura dos portos, e graças ao casamento de Dom. Pedro I com a Imperatriz Leopoldina, tais expedições tornaram-se possíveis aos estudiosos de outros países, uma vez que antes disso era proibida a entrada de estrangeiros na colônia.

1.3 Entre o real e o imaginário: a Amazônia sob os olhares dos viajantes naturalistas do século XIX

Durante o século XIX, a Amazônia foi o laboratório de grandes estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, pois a nossa região sempre despertou um grande fascínio principalmente dos cientistas e aventureiros que vieram em busca de aprimorar seus conhecimentos e adquirir experiências no decorrer de suas pesquisas.

Certamente os homens da ciência chegaram na Amazônia alimentados por um imaginário de imagens, lendas, mitos e histórias fantásticas acerca da região, tudo isso, consequência das crônicas e relatos construídos em séculos anteriores, e que se tornou mais forte na Idade Média e, certamente, acabou influenciando a visão e o pensamento que esses homens possuíam a respeito desse lugar. Na sua obra “A Invenção da Amazônia”, Neide Gondim afirma que:

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída, na realidade invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (1994, p.09).

Como podemos perceber, a Amazônia é fruto da imaginação dos europeus que, ao ouvirem relatos de antigos viajantes misturados ao contexto histórico da época medieval, acreditavam que essas histórias fantásticas realmente poderiam ser reais. É interessante ressaltar que muito antes da chegada dos europeus à América, as narrativas de viagens já permeavam o imaginário pagão e cristão.

O mito das Amazonas, mulheres guerreiras que Orellana afirma ter encontrado em sua viagem ao Amazonas (1541-1542), e registrada no relato de Carvajal, é mais um exemplo de

incorporação da mitologia clássica ao imaginário sobre o Novo Mundo, mais especificamente sobre a Amazônia.

A fala da autora citada acima demonstra como as mitologias clássicas influenciaram a visão do continente americano. Sérgio Buarque de Holanda (1977) discorre sobre as relações entre essa visão clássica da história, segundo a qual as eras históricas são sucessivamente decadentes em relação às anteriores. A descoberta do Novo Mundo leva à crença de que ainda existiriam povos vivendo na Idade do Ouro.

As buscas de riquezas, do Éden, do Paraíso Perdido, foram motivos que impulsionaram as expedições ao então novo continente, procurava-se a fonte da eterna juventude, a “terra da canela”, o El Dorado e o reino das Amazonas. O mito do El Dorado.

Segundo Minguet (1992), surge na região de Quito, ainda no século XV. Os espanhóis, ainda explorando as riquezas dos Incas, são os primeiros a lançarem-se à busca da canela, que se acreditava que estaria ao leste da cordilheira dos Andes. Esse paraíso terrestre, o mundo mágico, seduzia portugueses e espanhóis que se tornaram os primeiros a adentrar o continente americano pelo Andes.

O Novo Mundo também é visto frequentemente, associado ao inferno. Esta dicotomia paraíso/inferno é muito recorrente e reconhecida por diversos autores como Euclides da Cunha em “Os Sertões” (1902), Neide Gondim com “A Invenção da Amazônia” (1994), Ana Maria Belluzzo na sua obra “O Brasil dos Viajantes” (1994) e Alberto Rangel “Inferno Verde” (1908). Mais tarde, a Amazônia continuará imbuída deste estigma. A visão do inferno é, no século XVI, ligada à imagem do indígena e seus costumes, incompreendidos pelos europeus, e tempos mais tarde o inferno verde se tornará a própria floresta.

De acordo com Bueno (2002 p. 79), o território “foi nomeado bacia do Rio Amazonas, País das Amazonas, região amazônica, passando a ser chamado “Amazônia”, apenas no final do século XIX, ou seja, o mito europeu deu origem ao nome da nossa região, dessa maneira Gondim (1994) considera que a Amazônia é um produto da invenção dos europeus.

Essa atitude de se deslumbrar com algo exuberante e desconhecido se repete em outros relatos científicos que, de acordo com Loureiro (2001), os elementos do mundo fantástico da antiguidade encontram um novo espaço no imaginário formado sobre a Amazônia pelos viajantes do século XIX.

Pensar a Amazônia é embarcar na sua complexidade, nos seus mistérios e encantos. Costa afirma que:

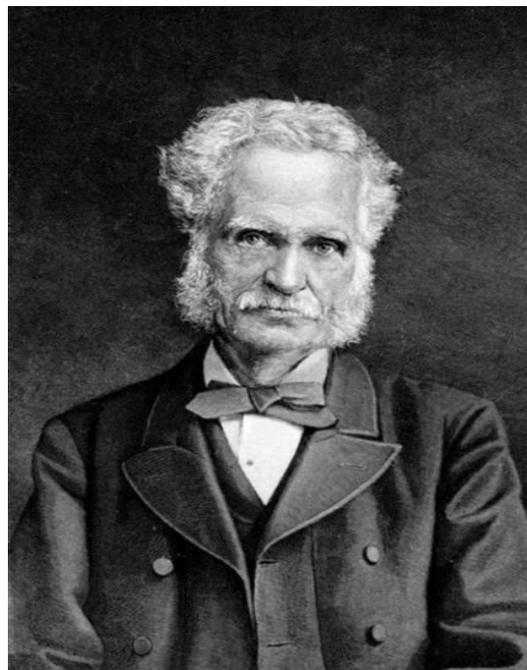
O século XIX deixou de ser o paraíso dos naturalistas para ser o paraíso científico dos naturalistas, pois por sua complexidade, a Amazônia tinha muito o que ser pesquisada, observada e revelada para o mundo. Nessa perspectiva, a visão que se tem do espaço amazônico refere-se à representação que a cultura dominante ocidental construiu a partir de sua realidade, tornando-se fundamental na discussão sobre o futuro da humanidade e do próprio sentido da vida (2001, p. 73).

Portanto, ao longo dos séculos a Amazônia foi totalmente dominada pela visão eurocêntrica, fazendo com que os viajantes naturalistas do século XIX trouxessem na bagagem estereótipos que faziam parte da cultura europeia. Foi diante dessa complexidade que os homens da ciência se espantaram e se encantaram com a diversidade da flora e da fauna e do modo de viver dos povos tradicionais da nossa região.

2. CAPÍTULO II NAVEGAR É PRECISO: HENRY BATES E SUA VIAGEM AO BRASIL (1848-1859)

Henry Walter Bates nasceu no dia 8 de fevereiro de 1825 em Leicester, foi um naturalista e explorador inglês famoso por sua viagem à Amazônia. O objetivo dessa jornada era coletar material zoológico e botânico para o Museu de História Natural de Londres, foi também autor de artigos que sustentaram a Teoria da Evolução de Darwin quando ela era atacada de todos os lados. O retrato de Bates a seguir é uma dos poucos registros visuais que se tem da sua figura.

Figura 1- Henry Bates



Fonte: www.hellenicaworld.com (2013)

Juntamente com seu amigo, o também naturalista inglês Wallace, motivados pelo interesse que compartilhavam sobre a História Natural, planejaram aquela que seria a maior aventura de suas vidas, uma expedição científica em um dos berços mais ricos em biodiversidade do planeta: a Floresta Amazônica, para se dedicarem ao trabalho científico de coleta de espécimes.

Por serem de famílias com poucos recursos, eles não tinham apoio financeiro das instituições para custear uma expedição que na época tinha um valor monetário elevado, mas com a ajuda de um pequeno auxílio familiar, esses jovens cientistas conseguiram realizar a tão sonhada viagem.

Foi assim que no dia 26 de abril de 1848, os dois jovens naturalistas britânicos embarcaram em um pequeno navio mercante no porto de Liverpool com destino à Belém, região Norte do Brasil. Seus nomes eram Alfred Russel Wallace (1823-1913) e Henry Walter Bates (1825-1892). Em sua obra “O Naturalista no Rio Amazonas” Bates relata que:

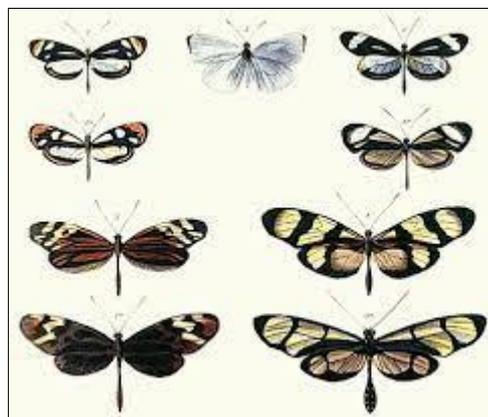
A 26 de abril de 1848 tomei em Liverpool, em companhia do senhor Wallace, um pequeno navio mercante e após rápida travessia do canal da Mancha ao equador, cheguei a Salinas no dia 26 de maio. Salinas é o ponto de praticagem dos navios que demandam o Pará, único porto de entrada para a vasta região banhada pelo rio Amazonas (1944, p.27).

Diante do relato acima, podemos perceber que a viagem da Inglaterra até o Pará durou cerca de um mês, esse foi o primeiro contato dos jovens naturalistas com a região amazônica, eles ficaram entusiasmados e interessados pelo que observavam logo que aportaram. Assim descreve Henry Bates:

Era com o mais profundo interesse que eu e meu companheiro, que víamos e examinávamos agora, pela primeira vez, as belezas de uma região tropical, mirávamos a terra onde eu, afinal, passei onze dos melhores anos de minha vida (1944, p. 28).

Bates e seu amigo Wallace ficaram maravilhados diante do que seus olhos observavam, a biodiversidade da fauna e da flora da região se tornou o laboratório perfeito para que Bates permanecesse por longos anos na Amazônia. A figura a seguir ilustra a contribuição de Bates para Entomologia, que reflete até os dias atuais, pois ele encontrou a seleção natural das asas das borboletas.

Figura 2- A seleção natural das asas das borboletas por Henry Bates



Fonte: Fiocruz (2020)

Depois de seis meses da chegada ao Brasil, coletando espécimes pelos arredores do Pará e estudando a geografia do lugar, os dois resolveram se separar, o motivo da separação não ficou registrado por nenhum deles. Entretanto, seus biógrafos especulam que a razão teria algo a ver com a diferença de abordagem em relação ao trabalho de coleta, enquanto Bates era favorável à uma permanência longa em uma determinada localidade, Wallace preferia ficar menos tempo para visitar o maior número de locais possíveis durante sua estadia no Brasil, no entanto, isso nunca foi confirmado. Diante das circunstâncias, Bates permaneceu no Brasil durante 11 anos e Wallace encerrou seus trabalhos após quatro anos (ANTUNES, 2019).

2.1 Um naturalista no Rio Solimões: Henry Bates chega à Vila de Ega (Tefé)

Após a separação do seu amigo Wallace, Bates seguiu viagem rumo ao Rio Solimões, ele deixou um legado importante sobre a cultura e a população dessa região. A forma de fazer ciência de Henry Bates o privilegiou de estudar, a fauna, a flora, de ver, viver e sentir o jeito de ser do homem amazônico. Em seu diário de viagem, Bates descreve com detalhes o momento da sua partida da Barra até sua chegada à Ega (Tefé), registrando o seu encantamento e as dificuldades que passou enquanto percorria o Rio Solimões. Encontramos registro desse episódio na seguinte descrição:

Embarquei em Barra a 26 de maio de 1850, três anos antes dos navios a vapor navegarem pelo alto Amazonas. Tomei uma coberta que voltava de Santarém, aonde fora com carga de talhas de barro, cheias de óleo de tartaruga, para Ega, a primeira e única cidade de alguma importância nas vastas solidões do Solimões (BATES, 1944, p.147).

E assim Bates embarcou com todos os materiais coletados da viagem que fizera entre o Pará e o Rio Negro. Nesse trajeto, o cientista conheceu um habitante de Ega que viajou junto com ele numa pequena embarcação, o homem era um velho português de cabelos brancos chamado Daniel Cardoso, que era negociante e estava em Barra servindo como jurado, cargo público sem remuneração na época. Ele relata que seu novo companheiro esteve afastado dos negócios pessoais em Ega por umas seis semanas, por isso estava retornando. Em relação a esse fato, Bates descreve o seguinte:

Ele também ia deixar Barra em pequena embarcação, e aconselhou-me a mandar adiante minha bagagem pesada na coberta e a viajar em sua companhia. Chegaria a Ega, a umas 370 milhas de barra, em doze ou quatorze dias, enquanto o barco grande gastaria trinta ou quarenta. Mas eu preferi ir com a minha bagagem e aproveitar as muitas oportunidades que teria de desembarcar e fazer coleções nas margens do rio. (BATES, 1944, p.148)

O cientista queria aproveitar o máximo de tempo a sua viagem pelo Solimões, pois cada oportunidade que surgia de desembarcar, lá estava ele às margens do rio coletando materiais e dados para sua incansável pesquisa. O naturalista preferiu viajar com todo seu material, talvez por receio de perder tudo o que havia coletado, e assim fez, colocou as coleções feitas entre o Pará e o Rio Negro e depois de um dia de pesado trabalho, o barco seguiu para Ega (Tefé), era por volta das oito da noite.

Durante sua viagem de quatro anos e meio pelo Rio Solimões, realizando seu ofício científico, Bates não poupou palavras ao descrever sobre as etnias indígenas que encontrou em sua longa aventura por essa região. Logo que iniciou sua expedição pelo Alto Amazonas, como é chamado o Rio Solimões, o naturalista ficou surpreso ao encontrar uma tripulação indígena que realizava os trabalhos no barco em que viajava. Nos seus escritos percebemos o seguinte relato:

A tripulação era composta de dez índios da nação Cucama, cuja pátria de origem é uma porção das terras ribeirinhas da vizinhança de Nauta, no Perú. Os Cucamas falam a língua tupí tendo, contudo, acento mais áspero do que o comum entre os índios semicivilizados de Ega para baixo. São gente engenhosa e muito trabalhadora, e os únicos índios que se empregam de boa vontade e em grupos para conduzir os barcos dos mercadores (BATES, 1944, p.152-153).

O naturalista afirma que os Cucamas além de serem bons pilotos, eram muito trabalhadores, espertos e amigáveis, o que lhe permitia uma convivência de cordialidade com eles. Durante toda a viagem todos trabalhavam e conviviam na mais perfeita harmonia, de acordo com o cientista era difícil ouvir um desaforo entre os nativos.

Figura 3- Festival indígena participado por Bates



Fonte: Bates (1944, p. 420)

Na concepção de Bates, nada podia diferenciar esses homens com o resto da população que havia encontrado no Rio Negro. Muitos dos Cucamas eram altos e bem constituídos, outros tinham o físico baixo com ombros largos, braços e pernas excessivamente grossos com feições inteiramente mongólicas, o rosto largo, as maçãs salientes, o nariz achatados e olhos oblíquos. Esses eram os aspectos físicos encontrados na região do Solimões.

Ao que se refere a mentalidade desses índios, o inglês os considerava de pouca inteligência e sem curiosidade para as grandes questões da vida, ele reflete sobre isso na seguinte passagem:

A bondade destes índios, como a de quasi todos os outros com quem convivi, consistia talvez mais na ausência de más qualidades ativas que na posse de boas; por outras palavras, era mais uma bondade negativa que positiva. O temperamento fleugmático e apático, a frieza de desejo e embotamento de sensibilidade, a falta de curiosidade o baixo grau de inteligência fazem dos índios amazonenses companheiros muito desinteressantes. Sua imaginação é de qualidade obtusa e obscura, e nunca parecem abalados pelas emoções: - amor, piedade, admiração, medo, espanto, alegria, entusiasmo. Tais são as características de toda a raça. (BATES, 1944, p. 154-155).

Embora vivesse uma boa relação com os índios, Bates, na citação acima, apresenta uma visão etnocêntrica sobre os nativos quando ele afirma que os Cucamas e todos os índios amazonenses são considerados como aqueles que não possuíam boas qualidades. Esse modo de olhar as populações indígenas da Amazônia foi transmitida aos longos do séculos de forma negativa, como sendo impossibilitadas e incapazes, trazendo assim a visão de que os nativos são intolerantes, preguiçosos, selvagens, ingênuos, atrasados e sem cultura.

Depois de descrever sobre os índios Cucamas ao longo de sua viagem, Henry Bates finalmente chega a Ega (Tefé), foram um mês singrando pelas águas do Rio Negro até a travessia do Rio Solimões, assim relata:

Seguimos pela margem sul, viajando todo o dia 30 de abril junto de alto barranco íngreme. A tarde chegamos a estreita abertura, que poderia ser tomada por um estranho como sendo o furo de algum rio insignificante: era a boca do Tefé, em cujas margens está situada Ega, termo de nossa viagem (BATES, 1944, p. 168-169).

Após lutar um mês e cinco dias contra as correntes turvas e as pestes de insetos do Solimões, a tripulação chegava ao boca do Tefé, o alívio transpareceu no rosto de todos ao

encontrar-se novamente no rio de águas escuras, liso como um lago e livre dos piúns² e das mutucas. Aí descansaram a noite toda, pois chegariam em Ega na manhã seguinte

Enquanto descansava, Bates refletia sobre sua vida na Amazônia, principalmente sobre sua chegada à Ega, pensava sobre as pessoas que encontraria na pequena vila e se a localidade seria ideal para suas pesquisas. Essa era a terceira etapa de sua viagem como podemos perceber na seguinte citação:

Eu pensava em minha vida vagabunda: tinha alcançado agora o termo da terceira etapa de minha viagem, e estava agora além do meio do Continente. Precisava, por muitos motivos, encontrar uma localidade, rica para explorações de História Natural, e aí instalar-me alguns meses ou anos. Seriam os arredores de Ega o ponto propício, e iria eu, estrangeiro solitário numa missão estranha, encontrar boa acolhida entre sua gente? (BATES, 1944, p.169).

Bates demonstra sua preocupação se Ega seria o lugar ideal para abrigar-se, uma vez que ele precisava de uma região rica para explorar as novidades que encontraria. Embora receoso, o naturalista inglês foi surpreendido com a boa recepção dos habitantes do povoado. Na manhã seguinte, quando entraram no lago de Ega, um magnífico lençol d'água, Bates observou os primeiros elementos que formavam a pequena vila na qual passou os melhores momentos de sua vida. Assim descreve:

À esquerda, em suave decliva relvoso, no ponto de junção de largo tributário com o Tefé, está o pequeno povoado: grupo de umas cem casas de taipa, caiadas e cobertas de telhas vermelhas, todas com seus pomares com laranjeiras, limoeiros bananeiras e goiabeiras (BATES, 1944, p. 170).

Podemos perceber que Ega era um povoado pequeno, Bates descreve que o vilarejo possuía tufo de palmeira, copas de folhas em pluma, que destacavam-se acima dos edifícios e das árvores mais baixas. As ruas eram largas, atapetada de grama, ia da praia arenosa e estreita até à igreja simples, com o crucifixo de madeira na praça em frente, no centro da cidade.

Via-se o gado pastando diante das casas, e vários nativos de pele escura estavam tomando seu banho matinal, entre as embarcações de vários tamanhos que estavam ancoradas no porto ou amarradas a estacas. Então desembarcaram na cidade com uma calorosa recepção, com direito a salvas de fogos e a matança de um boi como ele mesmo afirma: Ao desembarcarmos, o dono da embarcação matou um boi para comemorar nossa chegada, e no

² [Regionalismo: Amazônia] Espécie de mosquito muito miúdo; borrachudo. a palavra pium deriva do tupi pi'u, com o sentido de tipo de mosquito (Dicionário online de português, 2022 – <https://www.dicio.com.br>)

dia seguinte deu comigo uma volta pela cidade para apresentar-me às principais pessoas do povoado (BATES, 1944, p. 170).

Como foi bem acolhido, alguns dias após sua chegada e de ter adquirido algumas experiências das pessoas e da mata da vizinhança, ele pôde perceber que poderia se hospedar tranquilamente e ficar por um longo período, devido a isso começou a conhecer nomes importantes com quem estabeleceu grandes laços de amizade. Entre eles, o delegado de polícia, o senhor Antônio Cardoso, sobre este o inglês nos diz o seguinte:

Antônio Cardoso a quem me referirei frequentemente. Era homem robusto, de rosto largo, passando por branco, mas com um tom de sangue negro, apesar de em sua face rosada não transparecer a mistura. Recebeu-me de maneira cordial e encantadora. Mais tarde tive ocasião de admirar a bondade sem limites desse homem, cujo maior prazer parecia ser fazer sacrifícios por seus amigos (BATES, 1944, p.170-171).

Não há dúvidas de que Bates e Antônio Cardoso construíram uma amizade duradoura ao ponto de o cientista admirar a bondade sem limites desse ser humano que além de se sacrificar pelos amigos ainda empregava meia dúzia de índios na colheita dos bens naturais da região, pois era também agricultor vindo do Pará para Ega. O naturalista ainda conheceu outras figuras emblemáticas como o comandante militar, oficial do exército brasileiro chamado Praia, o vigário da vila, o padre brasileiro Luíz Gonsalvo, Gomez, o diretor dos índios Crisóstomo Monteiro, um mameluco³ nomeado pelo Governo Imperial para tomar conta dos indígenas do Japurá, e entre outros (BATES, 1944).

2.2 A vida diurna de um habitante naturalista: os habitantes e os costumes na vila de Ega (Tefé)

No decorrer dos quatro anos e meio que viveu em Ega, atual cidade de Tefé, Bates além de estudar os espécimes da região, também fez observações acerca da população e seus costumes. Em sua narrativa é possível assimilar que o cientista levava uma vida tranquila e pacata no vilarejo:

Fiz de Ega meu quartel-general durante todo o tempo que me demorei no Alto Amazonas (quatro anos e meio) ... Entre uma e outra levava vida quieta e sem novidades nesse povoado, prosseguindo em minha tarefa de maneira tão regular e tranquila como o poderia fazer um naturalista em qualquer aldeia da Europa (BATES, 1944, p. 172-173).

³ Indivíduo que possui ascendência indígena e branca, mestiço. Fonte: <https://www.dicio.com.br>

Além de viver uma vida calma e sem novidades, o naturalista fazia registros em seu diário a respeito da localidade, inclusive da sua casa que ficava em um ponto estratégico. Bates tinha uma casa espaçosa, cujo compartimento principal era a sala de trabalhos e de estudos onde havia uma grande mesa e uma pequena livraria de consulta. Ele sempre tinha à mão sua coleção privada para comparar as velhas com as novas aquisições.

Por mais rústica que fosse a sua habitação, o viajante pouco antes de voltar para a Europa demonstra um sentimento de saudade, sobretudo ao voltar os olhos com prazer para os muitos anos felizes que passou em Ega. Bates relata que geralmente acordava cedo com o sol, quando as ruas tapizadas de relva, estavam úmidas de orvalho e que descia ao rio para banhar-se (BATES, 1944).

Gastava cinco ou seis horas, todas as manhãs, a colecionar na floresta, cuja orla ficava apenas a cinco minutos de sua casa. As horas quentes da tarde, entre as três e seis horas, e os dias chuvosos, ele aproveitava para preparar e rotular as espécies, tomar notas, dissecar e desenhar. Frequentemente fazia pequenos passeios por água em pequena montaria, com um rapazote índio para remar. Os arredores lhe proporcionaram, até o último dia de sua estadia, ininterrupta sucessão de formas novas e curiosas das diferentes classes do reino animal, especialmente de insetos (BATES, 1944).

Ao se referir aos moradores da Vila de Ega, Bates descreve que possuía as melhores relações com as pessoas do lugar, pois eram pessoas simples, sociáveis e demonstravam simpatia com os estrangeiros. O naturalista afirma que:

Vivia como já se pode ter visto, nas melhores relações com os habitantes de Ega. Sociedade refinada; naturalmente, não se encontrava; mas havia umas vinte famílias socegadas e decentes que constituíam a classe superior do lugar e eram muito sociáveis. Suas maneiras apresentavam curiosa mistura de ingênua rusticidade e cerimoniosa polidez; o grande desejo de serem considerados civilizados leva os mais ignorantes desta gente (e são todos muito ignorantes, embora de inteligência pronta) a mostrarem-se cortezos e amáveis com os estrangeiros da Europa (BATES, 1944, p. 174).

Bates nos mostra que nunca foi molestado por parte do povo do interior, com essa impertinente curiosidade de que alguns viajantes se queixam em outros países. Os índios e mestiços das classes baixas pareciam achar natural que os estrangeiros colecionassem e mandassem para fora as belas aves e os insetos do país.

Quanto às pessoas mais educadas, Bates não teve dificuldade em fazer compreender o objetivo de sua viagem. Ele explicara que cada capital europeia tinha um museu público, no

qual se procurava guardar todos os produtos naturais dos reinos animal, vegetal e mineral e que ele estava em Ega colecionando para o Museu de Londres, e era pago para isso.

Apesar de levar uma vida pacata e tranquila, o inglês relata que se divertia bastante com as frequentes reuniões sociais, com danças e outros divertimentos. As maneiras da população indígena, também o divertiram durante muito tempo. Nos últimos meses de sua residência, três viajantes franceses e dois italianos, sendo alguns deles pessoas de boa educação, descendo dos Andes para o Amazonas, enamoraram-se dessa localidade tranquila e deliciosamente situada, e resolveram estabelecer-se em Ega pelo resto da existência e acabaram por casar-se com mulheres nativas. A sociabilidade desses amigos foi bastante positiva para o naturalista (BATES, 1944).

Outro fato importante que Henry Bates cita em seu diário de viagem foi a dificuldade que enfrentou logo no primeiro ano em 1850, quando ele passou doze meses sem carta ou encomenda da Inglaterra. No fim desse tempo, suas roupas tinham virado frangalhos, estava sem sapatos e ainda foi roubado todo o seu dinheiro em cobre. Bates então viu-se obrigado a descer até ao Pará, mas voltou depois de terminar o exame da parte média do Baixo Amazonas e do Tapajós, em 1855, trazendo seu auxiliar em Santarém e mais prevenido para fazer coleções no Alto Amazonas (BATES, 1944).

Em 1850, Ega era apenas um vilarejo, dependente do Pará, como capital da província ainda indivisa. Em 1852, com a criação da nova província do Amazonas, foi elevada a cidade e mandou seus representantes à assembleia provincial da Barra; teve seu tribunal, seus juizes residentes, e foi elevada a cabeça de comarca.

No ano seguinte, em 1853, foi introduzida a navegação a vapor, apesar de não ter ocorrido um crescimento populacional e nem comercial, Bates nos mostra que culturalmente a população estava sob a influência da moda parisiense, a Belle Époque que refletiu bastante na cultura amazonense do século XIX. Dessa forma, nota-se que:

Tornou-se o povo mais "civilizado", isto é, começou a vestir-se segundo as últimas modas parisienses, em vez de andar de tamancos sem meias e em mangas de camisa; adquiriu o gosto de ganhar dinheiro e ter um emprego; dividiu-se em partidos, e perdeu parte de sua primitiva simplicidade de maneiras. Mas a localidade ficou, quando a deixei em 1859, quasi como era quando aí cheguei pela primeira vez em 1850 - aldeia meio-índia, que era nos hábitos e noções de sua gente, muito mais parecida com pequena povoação do norte da Europa do que com povoado sul-americano (BATES, 1944, p. 178-179).

Como se pode perceber, na visão de Bates, Ega era muito mais parecida com um pequeno povoado europeu do que com os povos que habitavam a região amazônica. O lugar

era saudável e quase livre da peste dos insetos; os arredores continuavam perpetuamente verdes; o solo de muita fertilidade, os incontáveis rios e o labirinto de canais fervilhavam de peixes e de tartarugas. Henry Bates enxergava um futuro promissor para a pequena aldeia tropical chamada Velha Ega.

Nesse período, Ega contava com o total de mil e duzentos habitantes, com exatamente 107 casas, das quais a metade eram choupanas simples cobertas de folhas de palmeiras. A maioria da população estava sempre ausente, pois se ocupavam do comércio ou da colheita dos produtos naturais pelos rios (BATES, 1944).

A localidade onde hoje está situada a cidade de Tefé é uma das regiões mais antigas do Amazonas. De acordo com Queiroz (2018, p. 49) “a mesma teria sido fundada pelo austríaco que estava a serviço da coroa espanhola, Padre Samuel Fritz entre 1686 e 1688.”

Ao longo do século XIX, Ega foi a região que mais recebeu expedições científicas, a Vila de Ega foi o quartel-general da grande comissão científica, que por aqui esteve de 1781 a 1791 para demarcar os limites entre os territórios portugueses e espanhóis da América do Sul. O comissário chefe, por parte de Espanha, D. Francisco Requena, morou no vilarejo algum tempo com a família.

2.3 Os índios e as festas da antiga Ega

No decorrer da sua permanência na região, Bates retratou que o elemento índio na vila de Ega era quase imperceptível, pois a predominância era de mamelucos com brancos, frutos do cruzamento. Ele trata desse acontecimento na seguinte passagem:

Vi um exemplo muito eloquente na família de um ferreiro francês, que vivera longos anos nas margens do Solimões e se casara com mulher mameluca. Todos os seus filhos podiam passar por naturais do norte da Europa, um pouco queimados pela viagem no estrangeiro. Um deles, encantadora mocinha, chamada Isabel, era clara, de olhos garços, cabelo castanho claro e feições delicadas; e sua avó era índia tatuada da tribo Tucuna (BATES, 1944, p. 183).

Muitos dos índios de Ega, inclusive todos os criados, eram selvagens trazidos dos rios vizinhos: o Japurá, o Içá, e o Solimões. Havia pelo menos 16 tribos diferentes, quase todos vendidos ainda crianças pelos chefes nativos. Essa forma de escravidão embora proibida pelas leis brasileiras, era consentida pelas autoridades, porque sem ela, não haveria meio de obter criados (BATES, 1944).

Todos ganhavam liberdade quando cresciam e nunca demonstravam interesse para voltar à vida “selvagem” completa. Os meninos fugiam nas canoas dos mercadores, e as meninas geralmente eram maltratadas por suas senhoras, as mulheres ciumentas e mal-educadas.

As tribos mais finas indígenas, que habitavam a região de Ega, eram os Juris⁴ e os Passés⁵, já quase extintos, restando poucas famílias nas margens de igarapés ligados ao Tefé e ao Jutaí. O naturalista descreve como sendo um povo trabalhador, voltado à agricultura e à pesca, tendo sido sempre amigos dos brancos.

A principal causa do declínio desses povos foram as moléstias trazidas por pessoas de fora que visitavam as aldeias, como a febre lenta seguida de resfriado. O simples contato com os homens civilizados tornava-se fatal aos Jurís e Passés.

É importante ressaltar que esses nativos de nações distintas que chegavam na pequena Vila de Ega, apesar de terem língua própria, aprendiam o tupi, pois era língua comum entre todas as etnias. De acordo com Bates, (1944 p, 190) “a pureza do Tupí é conservada pela frequente comunicação entre os nativos, de uma extremidade à outra do rio principal.” Além da língua, Henry Bates traz em seus escritos de vigem relatos a respeito do clima do povoado de Ega.

Bates observou que esse fator afetava de forma diferente os nativos e os negros do vilarejo, essas pessoas tinham aversão ao calor da região equatorial, o cientista chega a afirmar que os europeus toleravam melhor a alta temperatura do que os próprios moradores de Ega:

Nenhum dos índios moradores de Ega consentia em demorar-se no povoado (onde se sente mais calor que na mata), durante muitos dias a fio. Banham-se muitas vezes por dia, mas não mergulham na água; tomam apenas banho de assento, como vemos fazer os cães nos climas quentes, para esfriar as partes inferiores do corpo. Mulheres e crianças, que ficam em casa, quando os homens estão fora muitos dias a pescar, sempre acham pretexto para ir para as sombras da mata nas horas quentes da tarde. São irrequietos e descontentes nos dias quentes e secos, mas alegres nos dias frios, quando a chuva lhes escorre pelos dorsos nus (BATES, 1944, p. 19-191).

Pode-se observar que a pequena vila era um lugar com temperaturas elevadas e para fugir do calor os índios se refugiavam nas matas e tomavam banhos frequentes, assim como mulheres e crianças, já os negros estavam mais adaptados ao clima tropical. Bates então conclui: “Aos poucos se foi firmando esta impressão em meu espírito, que os índios vivem como estrangeiros ou imigrantes nestas regiões quentes, às quais seu organismo não estava adaptado e nunca se adaptou perfeitamente” (BATES, 1944, p.191).

⁴ Grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava junto ao Rio Solimões por volta do século XVIII.

⁵ Grupo indígena atualmente extinto, que habitava às margens do rio Japurá no século XVIII.

Para Bates qualquer raça humana da terra estaria mais bem preparada para utilizar este rico lugar abandonado. A não ser as terras povoadas pelo negro e pelo branco, a América tropical não tem indígenas adaptados a suas condições, e foi povoado por uma raça estranha, de outro continente.

Outra característica dos habitantes de Ega que vale a pena ser ressaltada é a de um povo festeiro. Assim como as festas religiosas, os festivais ganharam destaque na perspectiva de Henry Bates, que presenciou muitas vezes esses eventos. Na seguinte citação, o viajante trata desses acontecimentos:

O elemento índio é muito proeminente nos divertimentos do povo de Ega. Todos os dias de festas da Igreja Católica são comemorados com todo entusiasmo; confundem-se os rudes festejos dos índios com as cerimônias introduzidas pelos portugueses. Além destes, os aborígenes celebram seus próprios festivais, nos quais todas as tribus estão de acordo, pois, na maioria dos casos, as manifestações de alegria são originariamente iguais em todas (BATES, 1944 p. 191-192).

A referida citação nos faz pensar que as festas religiosas e as comemorações indígenas eram realizadas no mesmo período, havia uma mistura das celebrações da Igreja Católica trazida principalmente pelos portugueses com as festividades dos indígenas do local. Nesse contexto, compreendemos a importância das festas dentro das tradições religiosas, apesar da sua aparência profana, e talvez para alguns maléfica, ela é fundamental:

Toda festa, mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, coloca as massas em movimentos e suscita assim um estado de efervescência algumas vezes mesmo em delírio, que não é parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1996, p. 351).

Nas festas o sagrado e o profano estão totalmente entrelaçados que as vezes é quase impossível superar ou distinguir essas diferenças. Na vila de Ega do século XIX a ideia de feriado para os nativos estava completamente ligada aos foguetes, as procissões, as mascaradas, especialmente a imitação de diferentes espécies de animais, o som confuso de tambores e pífaros, as danças monótonas que se sucedem de hora em hora sem interrupção e, o ponto mais importante de todos, levando gradativa e completamente à embriagues. Nesse sentido, podemos citar os ritos, as celebrações, os mitos que estavam carregados de simbolismos e significados para essa comunidade.

Sendo assim, observamos que:

Mito e rito se completam, o rito é um arranjo de símbolos, uma representação da estrutura social, uma orientação da ação dos indivíduos no grupo, uma teatralização

do mito, o rito deslocado do símbolo fica descaracterizado e sem nexos. Os símbolos são chaves que abrem portas para o incognoscível, o símbolo pode ser chamado de sinal por apontar para algo, ajuda a entender o incompreensível, a perceber o impercebível, mesmo quando ele está evidente... (CAMPBELL, 2004, p. 59-62).

O naturalista viajante relata ainda que para os índios de Ega esses atos cerimoniais estão anexados aos dias dos santos da Igreja Católica. Dessa maneira, todos eles consideram uma festa religiosa como um divertimento, no qual o padre representa a parte de diretor e ator principal.

Em Ega, qualquer acontecimento extraordinário, independente dos dias santos, era motivo de festa para a gente mais abastada e sociável das classes de brancos e mamelucos. Funerais, batizados, bodas, casamentos, chegada de estranhos e o velório estão entre os acontecimentos celebrados, a gente de Ega, afirma Bates (1944), encontra qualquer pretexto para fazer da noite, dia. São capazes de ficar sentados na frente das casas por horas intermináveis conversando e contando histórias.

A padroeira do vilarejo era e ainda continua sendo até os dias atuais, Santa Teresa D'Ávila⁶, cuja festa durava, como quase todas as outras, dez dias, preservado até hoje. Começa muito sossegadamente com ladainhas noturnas, cantadas na igreja, e que são assistidas pela maior parte da população, todas vestidas de roupas leves e claras de chita e de cambraia; as moças costumavam usar jasmim ou outras flores naturais nos cabelos (BATES, 1944).

⁶ Santa Teresa de Ávila – Tereza de Jesus, Doutora da Igreja, reformadora do Carmelo. Nascida em Ávila, Espanha, no ano de 1515. Fundou vários conventos (32 mosteiros, 17 femininos e 15 masculinos), com uma rígida forma de vida, trabalho e silêncio. Santa Tereza destacou-se por sua inteligência, deixando várias obras escritas, como o Livro da vida, O caminho da perfeição, Moradas e fundações entre outros. Tereza faleceu em 1582, aos 67 anos. Foi sepultada em Alba de Tormes e até os dias de hoje, seu corpo, exala um perfume de rosas, e se conserva intacto. Foi beatificada em 1614 e canonizada como Santa Tereza D'Ávila em 1622 e seu dia é comemorado pela igreja católica no dia 15 de outubro. Fonte: <https://www.cruzterrasanta.com.br>

Figura 4- Catedral de Santa Teresa atualmente (2022)



Fonte: www.fatoamazonico.com.br (2021)

As senhoras de qualquer classe não usavam nenhum toucado ou outro enfeite de cabelo. As noites de novenário ocorriam alegremente; o interior da igreja era iluminado por velas de cera e o exterior por grande número de pequeninas lâmpadas de azeite - toscas taças de barro ou a metade das espessas cascas de laranjas amargas - que eram pregadas em toda a fachada (BATES, 1944).

Os fiéis parecem muito atentos, e as respostas da ladainha de Nossa Senhora, cantadas por duzentas vozes femininas, erguem-se agradavelmente no silêncio da aldeia. Ao final de cada novenário começa a festa dançante, com músicas, comidas e bebidas para a população. Por isso é necessário perceber que:

A música e a dança ligam, integram e religam. Ligam o homem a si mesmo, dando consciência do seu corpo e, conseqüentemente, dos seus limites, couraças e rigidez, impulsionando-o na superação; integram o indivíduo a seu semelhante, dançamos com o outro, mesmo quando se dança sozinho, a dança tem algo de coletivo, porque é na vida em grupo, em comunidade que nos tornamos fortes na superação das dificuldades que o meio insiste em colocar em nossos caminhos, o homem é um ser para o outro, não fomos criado para nós mesmos, no tornamos humanos em grupo (CAMPBELL, 2004, p. 75-77).

A música e a dança nos religam a nós mesmos, ao coletivo, ao cosmos, ao transcendente, a Deus, pois ele nos ajuda na superação dos limites, mantendo acessa a crença na força da vida. Os organizadores da festa conservavam as casas abertas, dançando, batendo bombo ou tocando violão e a bebida desenfreada de ambos os sexos, moços e velhos,

continuava por algum tempo, dia e noite, com pequenos intervalos. Em relação ao alimentos e as bebidas nota-se que:

Não existe festa e liturgia sem alimentos e bebidas, o corpo precisa desses elementos para se fortalecer para a longa jornada que é o viver, um corpo sem alimento se fragiliza, o fraco no primeiro obstáculo fenece, desiste, por falta de forças, o ato de comer e beber fortalece os laços de união do grupo, tanto familiar como comunitário. A comida é a base do sustento da vida biológica, por isso a sua preparação é sagrada... A bebida (com teor alcoólico) serve como elemento desinibidor, relaxante, socializador, que ajuda a quebrar os formalismos e as máscaras sociais que usamos em nosso cotidiano. É importante destacar o uso de maneira equilibrada da comida e da bebida, o excesso é prejudicial, por perder de vista o seu objetivo, todo extremo é desestruturante e pernicioso, daí as tradições religiosas sempre apontarem para o equilíbrio entre os extremos (CAMPBELL, 2004, p. 77).

Nesse sentido, a festa é importante por transmitir à comunidade que a realiza a consciência da sua capacidade de organizar e gerenciar a vida, por mais difícil e complexa que ela se apresente. Os índios tomam parte saliente nos festejos de véspera de S. João e em um ou dois outros dias antes que ocorrem nesta mesma época do ano nos fins de junho. Em alguns divertimentos é visível o elemento índio, em outros o português; mas devemos recordar que as mascaradas, as cantigas e muitas outras coisas são comuns em sua origem aos dois povos.

2.4 Excursões nos arredores de Ega

Ao viajar pelos arredores de Ega, Bates encontrava coisas interessantes e uma delas foi uma pequena porção de terra, era a atual Vila de Nogueira. “Na praia oposta da porção mais larga, há pequena aldeia chamada Nogueira, cujas casas só se veem de Ega nos dias muito claros; a margem onde está Nogueira é alta e se estende muito longe para sudoeste” (BATES, 1944, p. 213).

A atual comunidade de Nogueira, situada no lado direito do lago de Tefé, é um lugar que abrigou por muitos anos grupos indígenas de diversas etnias. Segundo Gruyters (2010, p.07) a formação da povoação desse local se deu a partir de 1753 quando o missionário carmelita Frei José de Santa Teresa Ribeiro transferiu os índios da aldeia do Parauari para o lago de Tefé. Desde então, a população é fruto do descimento desses índios e do casamento entre colonos com mulheres nativas.

Ao longo de sua excursão pelos arredores de Ega, Bates observou a riqueza de fauna e flora que possuía a região. Ele descreve que o lugar era o ponto de reunião de variadas

espécies de plantas e animais, principalmente aves como os martins-pescadores, trepadores verdes e azuis, tangarás de cabeça vermelha e beija-flores.

De acordo com o cientista inglês, o número e variedade de borboletas de cores claras, que esvoaçavam pelo caminho nos dias de sol, era tão grande, que as manchas brilhantes e movediças davam fisionomia particular ao sítio. Era impossível caminhar sem espantá-las, eram de todas as cores, tamanhos e formatos que se erguiam da areia até a água para sugar a umidade. Bates contou ao todo oitenta espécies de vinte e dois gêneros diferentes (BATES, 1944).

A quantidade de igarapés e de praias cheias de tartarugas eram inúmeras, todas elas visitadas anualmente pela gente de Ega para apanhar ovos e extrair óleo de suas gemas.

As tartarugas quando estão no tempo da desova, descem das lagoas interiores para o Solimões em julho e agosto, antes que os furos sequem e buscam, em bandos incontáveis, suas praias favoritas, pois há poucas praias escolhidas por elas, entre as inúmeras existentes (BATES, 1944, p. 233).

Os animais novos ficavam nas lagoas durante a estação seca. Estes lugares de criação das tartarugas que Bates chegou a visitar ficavam então vinte a trinta pés acima do nível do rio, e só era possível acessar abrindo-se caminhos através da mata densa.

Outro ponto interessante são as histórias que Bates ouvia quando estava viajando pelos rios, entre as paradas nas beiradas para alimentação e para passar a noite cercado pelos mosquitos, ele e seu companheiro de viagem, Carlos, dormiam em redes, armadas em estacas, enquanto as outras pessoas estendiam-se na areia, em roda de grande fogueira.

Ficámos acordados, a conversar, até depois da meia noite. Era real prazer ouvir as histórias contadas por um dos mais velhos, pois eram ditas com muito espírito. As narrativas sempre se referiam a lutas com alguns animais intratáveis - jaguar, peixe boi ou jacaré. Ele empregava muitas interjeições e gestos expressivos, e no fim vinha de repente um - "Pá! terra!", quando o animal era vencido por um tiro ou uma pancada. Contaram-se muitas histórias misteriosas do boto (como chamam ao grande golfinho do Amazonas) (BATES, 1944, p. 251).

Essa versão da lenda falava do costume que o boto tinha de tomar as formas de uma bela mulher, de cabelos soltos, chegando até aos calcanhares, e que caminhava à noite pelas ruas de Ega para seduzir os rapazes e levá-los para a água. Se algum se enamorava e a seguia até à beira d'água, ela abarcava sua vítima pela cintura e mergulhava nas ondas com um grito triunfante. Nenhum animal do Amazonas é assunto de tantas fábulas como o boto, mas é provável que estas não tenham sido inventadas pelos índios, mas pelos colonizadores

portugueses. Somente depois de muito tempo Bates conseguiu com que um pescador harpeasse botos para ele examinar, ninguém matava esses animais pois era um tabu.

No decorrer das duas excursões realizadas, Bates aproveitou todo o tempo que lhe foi concedido para pesquisar e analisar as muitas espécies de animais como macacos vermelhos, jacarés, corujas, morcegos, insetos, e até as próprias formigas e plantas. Os arredores de Ega constituíam um belo campo para o colecionador e pesquisador da História Natural, uma vez que pouco se sabia sobre as espécies dessa região, as coleções que o cientista tinha a oportunidade de fazer e ia remetendo para a Inglaterra provocaram, portanto, considerável interesse.

2.5 Doença e a volta para a Inglaterra

No quarto mês de sua estada em São Paulo de Olivença, Bates ficou gravemente doente, os ataques de sezões, as febres da região o deixaram com a saúde fragilizada. Devido a isso ele teve que abandonar o projeto de coleções entre São Paulo de Olivença e Tabatinga.

Expusera-me demais ao sol, trabalhara além de minhas forças seis dias por semana e, além de tudo, sofrera muito com a alimentação má e insuficiente. As febres não existiam em S. Paulo, mas o estado de sujeira e umidade da aldeia era suficiente, talvez, para produzir febre numa pessoa já enfraquecida por outras causas. (BATES, 1944, p. 391).

Nos primeiros dias depois do primeiro ataque, o naturalista descreveu que não podia se mexer e ficava delirante por causa da febre, mais quando passava o pior ele se levantava novamente e mesmo com o baço e o fígado debilitado colocava sua espingarda e sua rede de insetos no ombro para o seu passeio matinal pela floresta. Os calafrios muitas vezes o pegavam de surpresa antes de chegar à casa, e costumava ficar de pé e afrontar o mal-estar (BATES, 1944).

Em janeiro de 1858, quando o navio a vapor subiu o rio, o tenente Nunes ficou muito preocupado com seu estado e recomendou insistentemente que Bates voltasse para Ega. O cientista inglês aceitou o conselho, porém ainda tinha esperanças de poder voltar para oeste, a colher os tesouros ainda não vistos das maravilhosas regiões entre Tabatinga e as vertentes aos Andes. Embora a febre o tivesse deixado depois de alguns dias de repouso em Ega, sua saúde ficou bastante fraca não lhe permitindo mais empreender novas viagens. Assim, Bates deixou Ega, era três de fevereiro de 1859, partindo para o Pará e de lá para a Inglaterra.

Dois de junho de 1859, deixei o Pará, provavelmente para sempre. Embarquei em navio mercante norte-americano, o Frederick Demming, para Nova York, pois o caminho pelos Estados Unidos era muito mais rápido e o meio mais agradável de alcançar a Inglaterra. Minhas vastas coleções privadas foram divididas em três porções e enviadas por três navios diferentes, para diminuir os riscos de uma perda total. Na tarde de três de junho lancei o derradeiro olhar à floresta gloriosa pela qual tive tanto amor e a cuja. exploração devotara tantos anos (BATES,1994, p. 396-397).

Embora Bates afirme ter deixado o Brasil em 2 de junho de 1859, os periódicos paraenses da época noticiaram a sua saída no dia 26 de maio de 1859. Assim, para o naturalista, as horas mais tristes são as que passou na noite seguinte quando o piloto mameluco deixou as pessoas da embarcação livres, embora ainda na foz do rio e ancorados à espera do vento, Bates sentiu que se partira o último elo que o prendia à terra de tantas recordações agradáveis. No entanto, o desejo de rever seus pais e de viver ainda o prazer “superior” de uma sociedade intelectual, tinha conseguido sobrepôr-se aos atrativos de uma região que pode com razão ser chamada o Paraíso dos Naturalistas.

Figura 5- Hight Cross Street, Leicester, 1825



Fonte: John Flower (1825)

Ao retornar à Inglaterra, Bates passou os seus primeiros meses entre Leicester e Londres. Foi em Leicester que Bates conheceu sua futura esposa, Sarah Ann Mason (1840-1897), eles se casaram e desse relacionamento nasceu cinco filhos.

Figura 6- Esposa de Henry Bates, Sarah Bates



Fonte: www.hellenicaworld.com (2013)

Em 1861 ele se casou com Sarah Ann Mason. De 1864 em diante, ele trabalhou como secretário adjunto da *Royal Geographical Society* (efetivamente, ele era o Secretário, já que o alto cargo foi ocupado por uma figura nobre). Sarah e Bates permaneceram juntos até a morte do naturalista.

Figura 7- Túmulo de Bates no East Finchley Cemetery, em Londres.



Fonte: www.hellenicaworld.com (2013)

Bates faleceu em Londres no dia 16 de fevereiro de 1892, aos 67 anos de idade, em decorrência de bronquite em termos modernos, isso pode significar enfisema. Uma grande parte de suas coleções está no Museu de História Natural.

2.6 De Ega à Tefé: um pouco de história

Tefé é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, região norte do país. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima-se que a população até 2019 era de 60. 154 habitantes, dados esses que podem ter aumentado entre 2020 e 2021. A cidade fica as margens do lago de Tefé um dos afluentes do Rio Solimões.

A área onde hoje está localizada o município de Tefé era nos primórdios habitadas pelos índios, entre esses povos estão os Nuruaques, Cauixanas, Jumanas, Passés, Uainumas, Catuquinas, Juris, Jurimaguas, Tupebas ou Tapibas de onde deriva o nome Tefé.

O padre Samuel Fritz foi enviado para o Amazonas a serviço da Espanha e fundou as primeiras missões jesuíticas na região com o intuito de catequizar os nativos. Essas missões também eram responsáveis por prestar serviços sociais à população indígena. Os portugueses, desrespeitando o Tratado de Tordesilhas, subiram o Rio Solimões vindos do Grão-Pará com a finalidade de conquistar o Amazonas e dominar as terras dos espanhóis, o que resultou em um grande conflito entre as duas nações quando estes chegaram à região.

Tempos depois, em 1718, Frei André da Costa, carmelita que estava a serviço de Portugal, temendo novos ataques dos espanhóis, entrou pela foz do lago de Tefé fixando-se na margem direita com os nativos que restaram da antiga missão.

Alguns anos depois o Tratado de Madrid foi assinado pelos reis de Espanha e Portugal. Ele visava por fim as lutas entre os dois países. A área de Tefé passou a ser usada como limite territorial do domínio das duas Coroas. Mesmo assim, nenhuma das nações mostrava-se disposta a ceder a região de Tefé, no entanto, Portugal mantinha predominantemente sua influência sobre Tefé (QUEIROZ, 2018).

Tefé foi elevada à categoria de vila em 1759, título concedido pelos portugueses passando a ser chamada Vila de Ega e fazia parte da Capitania de São José do Rio Negro. Em 1833, o governo da província do Grão-Pará obteve o controle de Ega devido a delimitação territorial feita entre Portugal e Espanha. O Grão-Pará ignorou a denominação Vila de Ega e restituiu o nome do local para Tefé (QUEIROZ, 2018).

Em 1850, o Amazonas foi desmembrado do Grão-Pará e elevado à categoria de província, na qual Tefé passou a fazer parte e cinco anos depois, em 1855, o Governo da

Província do Amazonas elevou Tefé a categoria de cidade. Por estar estrategicamente situada no meio do Estado do Amazonas, o município concentra importantes serviços públicos bastante procurados pela população urbana, ribeirinha e por cidades vizinhas. O comércio é o carro-chefe dessa região principalmente na agricultura, pecuária, pesca e extrativismo vegetal.

Tefé é parte importante da história, em especial pelas expedições dos viajantes-naturalistas sobretudo sob a ótica do cientista inglês Henry Bates que construiu uma narrativa com relatos de sua vivência e compartilhou suas impressões sobre a então vila de Ega do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os 11 anos em que viveu em solo amazônico, Henry Bates protagonizou importantes descobertas científicas para a História Natural do século XIX. Ele listou 14.800 espécies desconhecidas para a época e relatou com fidelidade tudo o que descobriu sobre a fauna e flora da região Amazônica. Sua contribuição no Médio Solimões para a ciência foi essencial, principalmente quando residiu na Vila de Ega por quatro anos e meio onde sua vivência com os habitantes do vilarejo e com os nativos lhe proporcionaram bons momentos vividos e um grande campo de pesquisa.

Toda sua experiência na floresta amazônica transformou-se em um dos mais belos relatos sobre a ciência na Amazônia do século XIX. O livro *The Naturalist on the river amazon* (O Naturalista no rio Amazonas) foi publicado quatro anos depois que Bates retornou para a Inglaterra.

Apesar de suas conquistas científicas, Bates nunca conseguiu um papel de destaque na área acadêmica, no máximo foi assistente. Ainda hoje é uma figura pouco conhecida e valorizada em comparação aos nomes como o de Darwin e Wallace. O motivo de não ser reconhecido entre os principais naturalistas de sua época pode estar ligado à sua humildade. Bates nunca elogiou a si próprio e jamais fez grande questão sobre suas importantes contribuições para a ciência de seu tempo. Da mesma forma, também nunca chamou atenção para as honrarias que recebeu em vida, que não foram poucas, ele foi um exemplo de amor à ciência.

Existem poucos lugares em sua homenagem, em Leicester sua cidade natal, é possível encontrar o seu túmulo no East Finchley Cemetery que permanece como testemunho físico de sua existência. Em Tefé, onde o naturalista viveu parte de sua vida, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá o homenageia com a biblioteca que leva seu nome.

Portanto, Henry Bates foi um dos naturalistas mais completos e diversificados que passaram pela Amazônia, mesmo sendo pouco conhecido, não podemos deixar de registrar nessa pesquisa sua passagem pela Vila de Ega no século XIX, atual cidade de Tefé. Como tefeenses devemos tomar conhecimento desse grande intelectual que dedicou a vida em favor da ciência e que, de certa forma, nutriu um sentimento de amor pelos moradores e pela cidade. Dessa forma, a pesquisa torna-se relevante pois leva a comunidade tefeense a conhecer a trajetória do cientista viajante que muito contribuiu para a ciência mundial e principalmente da Amazônia.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. P. **Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859)**. Rio de Janeiro, 2019
- ANTUNES, A. P.; MOREIRA, ILDEU de C.; MASSARANI, L. M. **O descanso dos naturalistas: uma análise de cenas na iconografia oitocentista. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul. – set. 2015, p.1051-1066.
- BATES, Henry Walter. **O naturalista no rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Brasiliana, 237).
- BECK, H. 1959/1961. **Alexander von Humbolt**. vol. 1: Von der Bildungsreise zur Forschungsreise 1769-1808; vol II: Vom Reisewerk zum Kosmos 1804-1859. Wiesbaden (Tradução em espanhol: México 1971)
- BELLUZO, Ana Maria de Moraes (Org). **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros, 1994.
- BUENO, M. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, 2002.
- CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus: mitologia ocidental**. São Paulo: Pala Athena, 2004.
- CUNHA, E. da. **À margem da história**. São Paulo, SP: Cultrix; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1975.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 3ª ed. São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional,1977.
- GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. Ed., Marco Zero,1994.
- GUYTERS, A. **Cronologia da Prelazia de Tefé**. Prelazia de Tefé, 2010.
- IBGE Cidades- **Dados sobre Tefé**. Disponível em: <https://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 20.06.2021.
- INSTITUTO MAMIRAUÁ- **Tefé**. Disponível em : <https://www.mamiraua.org.br>. Acesso em: 25.06.2021.
- KURY, L. **Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 8, supl., p. 863-80. 2001.
- LICORISH, L; LENKINS, C. L. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus,2000.

LOUREIRO, J de J. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Livro adaptado da tese de doutorado pela Universidade Federal do Pará e Universidade de Paris V-Sorlonne, 1994. São Paulo: Escrituras, 2001.

MINGUET, H. In: LA CONDAMINE, C-M de. **Viagem ao Amazonas (1735-1745)**. Rio de Janeiro. RJ: Nova Fronteira: São Paulo: EDUSP,1992.

QUEIROZ, Raimundo Claudemir B. de. **História de Tefé para estudantes**. Tefé: Editoração Eletrônica, 2018.

RANGEL, A. **Inferno Verde**. 4^a ed. França: Tours, Typographia Arraut & Cia., 1927.

ROSA, C. A. de P. **História da ciência: o pensamento científico e a ciência no século XIX** / Carlos Augusto de Proença. - 2 ed. – Brasília: FUNAG, 2012.

SPIX, J. B. V; MARTIUS, Karl F. P. V. **Viagem pelo Brasil-1820-1917**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo, SP: EDUSP, 1981.

WALLACE, A. R. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo, SP: EDUSP, 1979.